

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 7– abril, 2015

QUANDO O SOL SE ESCONDE ATRÁS DA ROCHA

Ierecê Barbosa¹

As lembranças da minha infância vêm e vão sem convite, acho que elas têm aquela autonomia que muitos almejam ter e não conseguem. Hoje elas chegaram e foram logo entrando sem bater na porta, motivadas pelo contexto em que eu e você estamos inseridos.

Lembrei-me de minha mãe chegando em casa, trazendo nas mãos uma bandeja de doces comprada na confeitaria Colombo. Meu irmão correu para ajudar, ele já sabia o que continha ali e queria dividir os doces entre nós. Mamãe entregou-lhe aquele tesouro e ele passou a distribuir igualmente, mas mesmo assim a briga foi feia. O problema era a variedade dos doces, pois cada um tinha as suas preferências. Eu queria o caramujo, aquele que lembra uma casquinha de sorvete recheada de creme, mas eu não era a única. Aí a coisa ficou complicada.

Minha mãe interveio falando que precisávamos aprender a ter ética. A bronca foi para cima de meu irmão que fez a distribuição de modo a ficar com o caramujo. Ela se dirigiu a ele muito brava: *um dia você vai aprender que o sol nasce para todos*. Meu irmão olhou para ela e perguntou: *E quando o sol se esconde atrás da rocha?* Minha mãe não entendeu aquela fantástica operação cognitiva, mas entendia bem de vergonha na cara e esbravejando disse: *quando isso ocorrer e você achar que tem direito ao sol, deve levantar daí, escalar a rocha ou fazer o contorno. Caso contrário, continuará sentado até a sombra se transformar em escuridão e não terá o direito de reclamar, pois consentiu. Sua Irmã pediu o caramujo primeiro, você deveria ter dado para ela*.

Envergonhado, ele me deu o caramujo. Meio sem jeito, me sentindo culpada, resolvi compartilhar o disputado doce com ele. Aprendemos ali que o direito de um termina quando começa o do outro e que a lógica da conveniência não era nada ética.

Por que essas lembranças emergiram? Não sei bem ao certo. Acho que as analogias e as metáforas também gostam de esconde-esconde, é uma forma de alguém procurá-las e encontrá-las. O problema é que recebemos um pacote de balas de fel, que não compramos e que não queremos compartilhar: mentiras, impostos exorbitantes, aumentos absurdos, pouco empenho e muito ganho. Nosso contexto está tão sombreado pela corrupção que o sol se escondeu atrás da rocha.

A escalada da rocha em busca do sol já começou, o excesso de sombra escureceu nosso amanhecer e não deu para ficar mais sentado, esperando o sol surgir. A escuridão nos cegou nos primeiros momentos, logo depois a visão se ajustou e passamos a ver no escuro. Caminhar assim é sempre uma loteria.

Poderemos nos deparar após a escalada com raios luminosos e aí a festa da democracia será regada a suor e cerveja. Entretanto, não podemos descartar as outras possibilidades. Elas

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 7– abril, 2015

existem e muitas já foram vivenciadas por nós. Não buscamos a mesmice com a cara nova, buscamos o novo. A busca é legítima e ocorre todas as vezes que não nos sentimos mais representados por aqueles que deveriam nos representar.

O fato é que **alguns** comeram todos os doces da bandeja, lambuzaram-se a vontade, deixando para nós não só a conta da confeitaria, mas também a da limpeza da festa e da energia. Como se não bastasse, fomos idiotizados com a promessa de que dias melhores virão. Pois é, não vai dar para tapar o sol com a peneira e nem deixar que ele se esconda, outra vez, atrás da rocha.